

## MURA, Claudia. *Todo mistério tem dono! Ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013. 368 p.

Wemerson Ferreira da Silva<sup>1</sup>

“*Todo mistério tem dono!*” é a publicação da tese de doutoramento de Claudia Mura. Esse livro é resultado de uma cuidadosa pesquisa, desenvolvida junto aos Pankararu localizados no sertão pernambucano. A obra é dividida por três partes, cada uma delas compostas de três capítulos, e seu objetivo é o de compreender a tradição de conhecimento Pankararu, os processos rituais e os aspectos políticos que a eles se associam. A obra foi prefaciada por João Pacheco de Oliveira, que adverte que a autora debruça-se sobre uma dimensão ainda pouco explorada na considerável literatura sobre os Pankararu. Trata-se do fato de que não há no trabalho uma pressuposição do que ou como sejam os Pankararu, como se os grupos indígenas possuíssem uma “alteridade evidente e *a priori*” (OLIVEIRA, 2013, p. 9). O foco do trabalho também não é a relação entre o grupo indígena e o Estado, procedimento que para certa perspectiva antropológica negligenciaria os aspectos mais “internos” desses grupos.

Nesse sentido, é importante destacar que a oposição “interno”/“externo” é posta de lado pela autora, que está preocupada em desenvolver sua pesquisa a partir de “procedimentos de descoberta” (BARTH, 2000). Mura segue os atores sociais no espaço e no tempo, identificando suas atividades e redes que, em muitos casos, extrapolam a fronteira e o território étnicos. O cerne do trabalho constitui-se, justamente, pelas “zonas de contato, nas quais instituições e performances nativas surgem ao pesquisador misturadas com outras que parecem de origem exógenas” (OLIVEIRA, 2013, p. 9).

A primeira parte do livro dedica-se à descrição e análise de elementos de organização social e política dos Pankararu. No primeiro capítulo, a partir de construções discursivas desenvolvidas pelos indígenas e utilizadas cotidianamente, como *tronco velho*, *pontas de rama*, *família*, *parente* e *povo*, somos conduzidos à “arena” em que as famílias extensas e os *troncos* desenvolvem estratégias para a obtenção de recursos econômicos e para a manutenção da sua integridade moral, podendo, para tanto, recorrer a aliados externos ao próprio *tronco* familiar e ao grupo étnico. As famílias extensas e os *troncos* se configuram como as principais unidades sociais e políticas do grupo.

No segundo capítulo, para demonstrar como as famílias extensas e os *troncos* tornam-se as unidades sociológicas fundamentais entre os Pankararu, a autora descreve a trajetória do *tronco Binga*, altamente respeitado pelos demais *troncos* e caracterizado por eles como *esperto* e *valente*. Esse tronco é composto por diversos grupos domésticos que

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

embora possuam divergências, em determinados momentos agem conjuntamente em prol do *tronco*. Famílias do *tronco Binga* consolidaram relações com grupos rituais externos às aldeias e também com outros *trancos* que habitam a terra indígena Pankararu, e contam ainda com diversos membros que se destacaram por seus dotes mágicos e políticos, todas estas coisas concorrendo para o seu prestígio.

A autora busca descrever a complexa dinâmica de fissão, reagrupamento e construção da reputação das famílias extensas que dão vida ao grupo étnico Pankararu. Seu trabalho consegue demonstrar que o “processo de territorialização” (OLIVEIRA, 2004) não possui um caráter disruptivo, podendo continuar formas organizativas que existiam antes dele. Não foi somente a atuação do Estado mediante o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) que, organizando as “comunidades locais”, impôs-lhes uma “indianidade” (OLIVEIRA, 1988). Havia ali um conjunto de identidades e grupos familiares, de diversos lugares, que contribuíram nessa direção. Embora tais famílias extensas tenham se articulado para reivindicar o reconhecimento étnico e a demarcação do território, uma vez alcançado este objetivo voltaram a atingir relativa autonomia.

O terceiro capítulo aborda a emergência de um movimento salvacionista ao qual parcelas de Pankararu aderiram na primeira metade do século XX. O foco é a passagem e a atuação do *conselheiro* – Pedro Batista e, seguidamente, Madrinha Dodô. O diferencial da abordagem da autora é que, ao invés de tentar caracterizar de algum modo o movimento, focaliza os sentidos atribuídos pelos índios a tais processos. Isto permite entender, dentre outras coisas, os motivos que levaram à expulsão de Pedro Batista da terra indígena pelos agentes do SPI. O *padrinho* ameaçava a autoridade do chefe de posto, uma vez que os índios atribuíam-lhe autoridade superior às dos representantes do órgão indigenista.

A segunda parte do livro se concentra nos especialistas rituais, geralmente lideranças familiares que, por conjugarem dotes mágicos e políticos, tornam-se figuras centrais na tradição de conhecimento Pankararu. No quarto capítulo, há a descrição do complexo Cosmo Pankararu, composto por múltiplas entidades que, a depender das específicas articulações feitas pelos especialistas que possuem trajetórias e, logo, posturas diversas, ocupam posições diferentes na hierarquia. A autora apresenta-nos, desse modo, uma cosmologia em movimento e resultante de esforços de elaborações dos próprios indígenas. Distanciando-se dos modelos holísticos e que apregoam a homogeneidade no compartilhamento de ideias pelos sujeitos, o que se nos mostra é uma visão de mundo dinâmica e complexa, produzida por atores sociais concretos.

O quinto capítulo aborda as trajetórias de quatro especialistas rituais ligados a grupos rituais diferentes (*penitentes* ou *praiás*), o processo de formação dos especialistas, a forma como gerenciam o conhecimento e as experiências por eles vivenciadas e que lhes permitiram

adensar seus estoques de saberes com fluxos culturais oriundos de diferentes tradições de conhecimento.

Já o sexto capítulo, dedicado às *mesas de curas* - práticas rituais que os especialistas realizam, inicia expondo uma interessante diferenciação feita pelos especialistas entre doenças “espirituais” e “não espirituais”. Trata-se de uma construção de competências e de divisão de conhecimentos. Enquanto as doenças “não espirituais” podem ser cuidadas por um profissional da biomedicina, as doenças “espirituais” são de incumbência exclusiva dos especialistas rituais, os únicos que possuem os conhecimentos necessários para lidar com tais males.

Na última parte do livro, são descritos e analisados os processos rituais e os dois grupos rituais presentes na aldeia, os *penitentes* e os *praiás*, os quais em lutas simbólicas concorrem por legitimidade e prestígio. A etnografia dos rituais busca mostrar as modalidades de performances não verbais específicas à tradição de conhecimento Pankararu.

A autora também discute, no sétimo capítulo, as especificidades dos grupos rituais *penitentes*. Cabe destacar a interessante crítica que a autora dirige ao uso da classificação das manifestações religiosas desses grupos como “catolicismo popular”, que em seu entendimento ocultaria específicas articulações realizadas pelos *penitentes* na tradição de conhecimento que fazem vigorar ao remetê-los em um primeiro olhar à “tradição cristã”. Entre os Pankararu existem duas *irmandades*, a masculina e a feminina. A *irmandade masculina* é marcada pelo mistério. Trata-se de um grupo secreto que não permite a participação de membros externos e de mulheres, no próprio grupo e também nos rituais que realiza. Isto dificultou inclusive o acesso às informações pela pesquisadora, que foi limitado em razão de seu gênero. Já o grupo de *penitentes* feminino não atua secretamente e é caracterizado pela exigência de uma conduta moral rígida de seus membros e pela ausência de mulheres jovens.

No capítulo oitavo, Mura acompanha as peregrinações feitas pelos *índios-romeiros* rumo a Juazeiro do Norte – CE e Santa Brígida – BA. Seu objetivo é o de se apropriar do papel que as romarias desempenham em nível experiencial para os atores sociais que delas participam percorrendo o trajeto feito no passado por seus líderes carismáticos. Essas viagens delineiam um circuito ritual de cura que ultrapassa o recorte territorial imposto pela fronteira étnica, alimentam as relações mantidas com outros grupos e viabilizam trocas recíprocas de símbolos e performances em um território muito mais amplo. Elas permitem que bens simbólicos e recursos humanos sejam trazidos para dentro da fronteira étnica aumentando o prestígio de determinadas famílias.

O nono e último capítulo, por sua vez, concerne aos rituais da “tradição indígena”. Os indígenas envolvidos nessa esfera a ela se referem como a *doutrina da aldeia*, com vistas a reafirmar uma identidade étnica específica e engrandecer os seus segredos, que consideram superiores aos dos *penitentes*. Dentre os rituais realizados pelo grupo dos *praiás* é importante

ressaltar o *Menino do Rancho* e a *Corrida do Imbu*, os que mais provocam a força emocional da identidade étnica e são considerados “os símbolos principais da *tradição indígena*”. Eles incentivam à solidariedade entre a coletividade étnica e têm ganhado destaque em virtude da crescente ênfase que vem sendo dada à etnicidade.

Diversas pesquisas realizadas entre os grupos indígenas do Nordeste analisaram o processo de construção da identidade étnica dessas coletividades. Consistindo em enorme contribuição para o conhecimento antropológico, muitas delas foram reunidas e podem ser acessadas na coletânea organizada por Oliveira (2004). Há poucos trabalhos, no entanto, que focam unidades menores, como as famílias, *trancos* e linhagens, as quais, em muitos casos, constituem as bases articuladoras das organizações desses grupos. O trabalho aqui resenhado representa uma importante contribuição nesse sentido. Partindo de uma perspectiva processual a autora não naturaliza o estado atual das relações sociais, mas reconduz o leitor a todos os processos que as produziram e modificaram. Assumem enorme importância, nesse movimento, diversificados agentes e agências que atuaram e atuam junto aos índios (Estado, missionários, fazendeiros etc.). O fenômeno da dominação não é excluído dessa reflexão. Esse trabalho demonstra justamente que excluí-lo da análise seria um erro etnográfico e interpretativo.

Deve-se destacar também a generosidade na exposição dos dados etnográficos demonstrada pela autora. A leitura dessa obra permite compreender como é construída uma tradição de conhecimento que extrapola a fronteira e o território étnicos delimitados pelo etnônimo Pankararu e que é alimentada por indígenas e por não indígenas. É o mistério, aquilo de secreto, que assume maior importância na tradição de conhecimento desse grupo. A partir de uma não verbalização dos conhecimentos e do direcionamento de esforços para a *práxis*, como o fazem os especialistas rituais mediante as performances, os Pankararu constroem sua diferença através de uma específica forma de gerenciar o conhecimento.

Além dos espaços rituais, esta “economia informacional” (BARTH, 2000) na qual o conhecimento não é transacionado “para baixo”, isto é, verbalizado para os neófitos, é nutrida cotidianamente no seio das famílias extensas, as unidades sociológicas fundamentais, como foi mencionado, desde um ponto de vista educacional. É desse modo que somos levados a conhecer a tradição de conhecimento Pankararu, “fruto do esforço intelectual de atores sociais concretos, que têm o objetivo de dar sentido e organizar socialmente o conhecimento” (MURA, 2013 p. 353). “*Todo mistério tem dono!*” é uma obra que aborda de forma inovadora a questão indígena no Nordeste brasileiro.

## REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.

OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **A viagem da volta**: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

\_\_\_\_\_. Os obstáculos ao estudo do contato. In: \_\_\_\_\_. **“O nosso governo”**: os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo/Brasília: Marco Zero/MCT/CNPq, 1988.

\_\_\_\_\_. Prefácio – índios e sertanejos, *praiás* e penitentes. In: MURA, Claudia. **Todo mistério tem dono!** ritual, política e tradição de conhecimento entre os Pankararu. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.